

TPC: remendo que esconde o rasgo no sistema

written by Clara Boavista | 30 de Outubro, 2025

OCIDADÃO
Análises e Opiniões

OPINIÃO
Clara Boavista



Há muito que os trabalhos de casa são um tema controverso. Uns defendem-nos como instrumento essencial de consolidação das aprendizagens; outros questionam a sua real eficácia num tempo em que os alunos já passam grande parte do dia na escola. Afinal, para que servem os trabalhos de casa? A pergunta parece simples, mas a resposta expõe fissuras profundas no modo como educamos, trabalhamos e até como imaginamos o futuro das nossas crianças e jovens.

Durante décadas, os TPCs foram apresentados como ferramenta incontornável da aprendizagem: consolidam conteúdos, desenvolvem autonomia, cultivam disciplina. No entanto, num tempo em que a escola já ocupa grande parte do dia e a pressão académica começa cada vez mais cedo, vale a pena perguntar se os trabalhos de casa continuam a cumprir aquilo que prometem

ou se se tornaram apenas mais um mecanismo de exaustão numa sociedade que já não sabe parar.

A verdade, ainda que desconfortável, é que os trabalhos de casa se tornaram frequentemente uma extensão das fragilidades do próprio sistema educativo. Não por falta de empenho dos professores, que lutam contra programas extensos, turmas numerosas e uma avalanche burocrática que lhes rouba tempo e energia. Mas porque a escola, pressionada para “produzir resultados”, se transforma num laboratório de eficiência onde cada minuto tem de contar – e, paradoxalmente, tantos acabam por não contar.

O problema não está, portanto, no ato de estudar, mas na forma como o tempo escolar é utilizado. Quando as aulas se tornam um ritual mecânico, mais centrado em cumprir tópicos do que em explorar conhecimento, os TPCs surgem como remendo inevitável.

Será então justo esperar que as crianças resolvam em casa aquilo que a escola não conseguiu assegurar? E será razoável exigir aos professores que prolonguem o seu trabalho para o espaço doméstico, perpetuando um ciclo em que ninguém tem tempo suficiente – nem para ensinar, nem para aprender?

O problema, porém, não termina na escola. Há uma dimensão social que raramente se admite: para muitos pais, os trabalhos de casa funcionam como ferramenta de gestão familiar. Em rotinas marcadas por horários longos e pouco tempo em conjunto, os TPCs acabam por representar uma forma de manter as crianças ocupadas em salas de estudo até ao final do dia. Mas este “descanso” para os adultos tem um preço elevado: menos tempo livre, mais cansaço e uma relação mais instrumental com a escola.

Ao mesmo tempo, multiplicam-se os TPCs porque, tantas vezes, os alunos não trabalham o suficiente durante o tempo letivo – e não o fazem, talvez, porque não se sentem motivados, porque as aulas não conseguem captar a sua atenção ou porque a escola

se tornou tão formal e acelerada que aprender deixou de ser descoberta. Forma-se um ciclo vicioso: professores exaustos e pressionados, alunos desinteressados e um tempo que se escoa sem resultados palpáveis.

Talvez esteja na hora de repensar o verdadeiro papel dos trabalhos de casa. Devem servir para aprofundar o que se aprende – não para preencher lacunas do ensino nem para compensar o ritmo frenético das famílias. Trabalhar menos, mas melhor, pode ser a chave para devolver sentido a uma prática que, usada em excesso, corre o risco de perder o seu propósito educativo.

Vivemos numa sociedade que valoriza o fazer mais do que o ser, o desempenho mais do que o equilíbrio, a obediência mais do que a curiosidade. E é nesta lógica produtivista que os trabalhos de casa encontram terreno fértil: perpetuam a ideia de que o tempo livre é um luxo e de que o valor de uma criança se mede pela quantidade de tarefas concluídas.

Repensar os trabalhos de casa é, portanto, repensar o próprio modelo de sociedade. Se a escola prepara para a vida, que vida estamos a construir? Uma vida exausta, cronometrada e sem espaço para o ócio criativo? Ou uma vida equilibrada, em que aprender e viver não são verbos opostos?

Talvez o verdadeiro trabalho de casa não seja preencher cadernos, mas curar o ritmo do mundo – reencontrar o tempo, o diálogo e a alegria de aprender juntos. Porque uma sociedade que transforma o saber em fardo e o descanso em culpa está, de facto, doente. E precisa, urgentemente, de se reeducar.